

## **A inserção do SUS na discussão midiática entre cientistas e jornalistas na pandemia**

*The SUS's insertion in the media discussion between scientists and journalists in the Pandemic*

*La inserción del SUS en la discusión mediática entre científicos y periodistas en la pandemia*

*Thalita Mascarelo da Silva<sup>1</sup>  
Victor Israel Gentilli<sup>2</sup>*

**Resumo:** A pandemia do novo coronavírus demonstrou, mais uma vez, a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) no país. Dessa forma, este estudo buscou compreender como agentes fundamentais na Comunicação e Saúde no Brasil podem contribuir com a discussão. Cientistas e jornalistas estão sendo capturados pelas novas formas de comunicação fazendo com que o campo da mídia possa ser percebido como onipresente, como um metacapital entre os diversos campos sociais. Dessa forma, articulando ciência, informação, saúde e mídia, a metodologia qualitativa de análise (Triangulação de Métodos) mostrou que ainda é preciso uma maior consciência coletiva entre os especialistas sobre a urgência de se falar sobre o SUS, para que assim, inicie-se de fato um processo cultural sobre o significado do SUS na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Comunicação e Saúde; Sistema Único de Saúde; Pandemia COVID-19.

**Abstract:** The coronavirus pandemic demonstrated, once again, the importance of the Public Health System, known as SUS, in the country. Thus, this study sought to understand how fundamental agents in Communication and Health in Brazil can contribute to the discussion. Scientists and journalists are being captured by new forms of communication, making the media field to be perceived as ubiquitous, as a metacapital among the various social fields. In this way, articulating science, information, health and media, the qualitative methodology of analysis (Triangulation of Methods) showed that there is still a need for greater collective awareness among specialists about the urgency of talking about the SUS, so that, in this way, start in fact a cultural process about the meaning of SUS in Brazilian Society.

**Keywords:** Communication and Health; Public health system; COVID-19 pandemic.

**Resumen:** La pandemia del coronavirus demostró, una vez más, la importancia del Sistema

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: thalitamld@hotmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: vgentilli@gmail.com.

Público de Salud, conocido como SUS, en el país. Por lo tanto, este estudio buscó comprender cómo los agentes fundamentales en Comunicación y Salud en Brasil pueden contribuir a la discusión. Los científicos y los periodistas están siendo capturados por las nuevas formas de comunicación, haciendo que el campo de los medios sea percibido como ubicuo, como un metacapital entre los diversos campos sociales. De esa manera, articulando ciencia, información, salud y medios, la metodología cualitativa de análisis (Triangulación de Métodos) mostró que aún existe la necesidad de una mayor conciencia colectiva entre los especialistas sobre la urgencia de hablar del SUS, para que, de esta manera, empeze de hecho un proceso cultural sobre el significado del SUS en la sociedad brasileña.

**Palabras clave:** Comunicación y Salud; Sistema público de salud; Pandemia COVID-19.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por propósito discutir sobre a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) na narrativa sobre a pandemia da COVID-19 no Brasil. Para isso, a pesquisa teve como pilar estrutural entrevistas com cientistas e jornalistas. Dessa forma, é preciso, primeiro, iniciar a reflexão contextualizando a centralidade da mídia que efetiva a relação de cientistas divulgadores da ciência e de jornalistas para com a sociedade em geral.

O autor Nick Couldry, já em 2003, refletiu sobre a teoria de campo de Bourdieu e trouxe uma expansão dessa ideia para compreender o momento midiático transformador vigente no século XXI. Couldry (2003) discute sobre compreender a mídia de duas formas: a partir de seus processos de produção internos e, de modo mais geral, o seu papel enquanto intrínseco ao mundo social. Adotando essa segunda visão, o autor compreende que dessa forma a mídia atua como metacapital, conceito o qual o próprio Bourdieu explora, no entanto, não para retratar a mídia, mas para abordar o papel do Estado.

Couldry (2003) amplia, portanto, essa visão para os meios de comunicação como capazes de influenciar, potencialmente, todos os outros campos. Por isso, o conceito de metacapital também poderia ser utilizado para as instituições midiáticas, extrapolando a discussão sobre campo em relação às mídias. Nesse estágio de reflexão, o autor americano está apenas se referindo a mídia enquanto, considerada por muito tempo, mídia central, a mídia tradicional (COULDRY, 2003), no entanto, suas observações podem ser estendidas no contexto ainda mais atual do momento digital e midiático, com o advento das redes sociais, por exemplo. Inclusive após anos de seu texto, a realidade se apresenta ainda mais profunda e direcionada ao que o autor desdobra em suas reflexões.

O autor, primeiramente, explica que não pretende recusar a teoria de campo legitimado para a produção cultural, podendo sim, a mídia ser analisada como um único campo, sendo uma contribuição positiva de Bourdieu para análises internas da produção, como as reflexões sobre um campo jornalístico, já efetivadas desde a década de 1990. Contudo, explorar a teoria de campo para a mídia de modo mais fechado, segundo Couldry (2003), gera lacunas dependendo do modo como é compreendida a relação da mídia com os outros campos não-midiáticos. Um elemento que demonstra isso é a crescente importância da cobertura midiática e, conseqüentemente, dependência de mercados de se tornarem acessíveis a diferentes públicos apenas por meio da mídia.

A influência da mídia na ação de outros atores que não midiáticos demonstra a capacidade diferencial que atores de outros campos podem buscar se souberem trabalhar com mídias, tornando isso um tipo de capital dentro de um campo não-midiático. Isso acontece devido ao poder simbólico da mídia, isto é, esse poder de construir a realidade social, a partir da seleção de categorias-chave e da penetração cognitiva e social que gera (BOURDIEU, 1990); (NASCIMENTO DA SILVA, 2021). O capital simbólico significa qualquer tipo de capital, dependendo do campo específico e o que é legitimado e prestigiado dentro daquele campo, pode ser econômico, cultural, etc., no entanto, quando se fala de metacapital surge a possibilidade de compreender algo maior que não leva em consideração somente as definições de dentro dos campos, mas um capital que pode ser determinado por influências de fora, como é o metacapital do Estado (COULDRY, 2003).

O campo midiático entendido como um metacapital para outros campos significa dizer que a partir do momento que outros campos utilizam do poder simbólico gerado pela mídia, ele é encarado dentro desses campos como uma força – um capital não oriundo de dentro do campo em si, ou seja, um novo capital de importância. Se você se comunica bem, informa bem, é como se fosse um acréscimo para o campo médico, por exemplo, um capital a mais que se tem, além do capital do próprio campo que os atores possuem. Existe uma dimensão econômica nesse aspecto, mas não se restringe a isso, uma vez que esse capital midiático começa a ser utilizado por alguns atores do campo médico que passam a ser reconhecidos, o que impele a outros atores do campo a disputa no jogo, distorcendo e modificando regras e disputas antes não existentes (COULDRY, 2003).

De acordo com Couldry (2003) esse impacto do metacapital da mídia não ocorre isoladamente em algum campo específico que não-midiático, pelo contrário, torna-se plausível perceber que isso vem ocorrendo em todos os campos de produção especializados, por isso o autor acredita ser plausível compreender a mídia como um meta capital. Não que a mídia ou o jornalismo deixe de ser um campo com regras próprias e legitimação, mas seu capital é capturado por outros campos, o que interfere no próprio estabelecimento do campo jornalístico e midiático em si, não fazendo com que desapareça, mas podendo causar crises estruturais e transformações. A mídia como metacapital impacta no espaço social por meio da circulação desse poder simbólico-cultural presente, em alguma medida, em todos os tipos de campos.

Couldry (2003) ainda sugere como o metacapital da mídia pode operar nos diversos outros campos específicos: primeiro, assim como o Estado, influenciando o que de fato conta como capital em cada campo e, por meio da legitimação que a mídia gera criando representações influentes e categorias de compreensão do mundo social. O autor cita um exemplo de um jardineiro, na Grã-Bretanha, que se tornou famoso na televisão e, por isso, rapidamente conseguiu popularidade e sucesso como romancista. A mídia cria influenciadores, celebridades, que utilizam desse capital simbólico para exercer um domínio em seu próprio campo e com o meio social em geral. A cobertura midiática intensa tem o potencial, portanto, de construir memória social, de criar prestígio a atores que se tornam influentes e de alterar o funcionamento interno de um campo específico.

O caso do campo científico, por exemplo, principalmente devido ao momento pandêmico, traz a reflexão do quão é importante ou não a exposição à mídia, uma vez que é debate entre pares a importância de se divulgar ciência, de se fazer uma comunicação pública da ciência. Por isso, a exposição na mídia pode se tornar uma forma significativa, ou mesmo predominante, uma espécie de trunfo nesse campo?

Couldry (2003), portanto, utilizou de um conceito de Bourdieu sobre o poder do Estado na tentativa de compreender como a mídia também pode ser vista como um metacapital, uma vez que o Estado adquire esse *status* devido a sua capacidade histórica de abrangência em diferentes campos, o que se pode perceber, cada vez mais, com a mídia também. O autor deixa claro que é preciso pesquisas empíricas para se compreender de forma mais totalizante em que medida, quais impactos e em que grau isso está acontecendo e transformando diferentes campos sociais. Vale frisar a implicação da internet nessas questões midiáticas atualmente,

evidenciando o estímulo que a teorização dos conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu pode alcançar e instigar.

É possível, assim, ampliar ainda mais a problemática da mídia como metacapital a partir da inserção das redes sociais e a sua capacidade de criação de circuitos. Esse contexto faz com que a circulação da comunicação e da informação aconteça por meio de uma lógica que transforma as relações de produção e de recepção das mensagens:

Podemos observar aí os desenvolvimentos sobre a relação produção/recepção. A partir dessas percepções sucessivas no entendimento de “circulação”, mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela) (BRAGA, 2012, p. 39).

Esse contexto faz com que os campos sociais, “microcosmos relativamente autônomos” (BOURDIEU, 2003, p. 22) historicamente estabelecidos e consolidados, como o campo jornalístico, sofram intercepções de circuitos e precisem fazer parte dessa nova realidade e relacionar-se com um ambiente externo à lógica de campos para que não sejam ocultados de alguma maneira. Desse modo, estamos diante de uma nova tentativa de interação comunicacional entre os sujeitos, como explica Braga (2012, p. 37):

Assim como, desde o século XVII, a imprensa se desenvolveu como um componente estruturante da sociedade (notadamente a europeia), na medida em que esta buscava organizar, diversificadamente, as potencialidades da escrita a serviço de seus interesses múltiplos e frequentemente contraditórios; assim também vemos os processos de internacionalidade midiática estimulando os modos pelos quais a sociedade se comunica e, em consequência, tentativamente se organiza.

Torna-se nítida que a mudança tem como cerne a relativização do uso dos processos tecnológicos nas relações comunicacionais para além do campo das mídias. Isso, na prática social, transforma-se em um emaranhado que intercala antigos e novos circuitos de interação, remodelando a ideia de mediação da informação e a ideia de hierarquização dos meios de comunicação na relação com os públicos. Esse cenário forma novos espaços comunicacionais os quais cientistas e jornalistas, a partir da conexão de circuitos, podem ampliar a sua voz para além da sua relação enquanto fonte de informação nos jornais, isto é, transformando a visão de mídia.

No mundo atual, a busca pelo instantâneo é uma tendência cada vez mais efetiva. O homem vive no limiar do atemporal em que tudo deve acontecer o mais rápido possível e essa aceleração contínua dos processos leva a uma compressão da passagem temporal até o limite do instantâneo. Chega ao limiar do não tempo, impulsionado pela imediatez dos processos tecnológicos. E o mercado, para satisfazer o desejo de supressão da passagem do tempo que tanto incomoda, lança produtos com processamentos cada vez mais rápidos. No campo da comunicação social, a aceleração temporal é evidente em diversos processos: aplicativos como o WhatsApp, transmissão ao vivo via redes sociais, tradução simultânea automática, troca de informações pelo Twitter, imagens instantâneas do Instagram, respostas imediatas às mensagens recebidas, o uso de múltiplas telas simultâneas. A internet não somente aproximou os espaços como diminuiu o tempo das operações humanas. O tempo na contemporaneidade tornou-se um não tempo. O intemporal define a temporalidade das mídias digitais em que o instantâneo e o imediato constituem a meta do produtor e o interesse do usuário (ROSSETTI, 2017, p. 91-92).

É perceptível a inclusão de cientistas e profissionais da saúde fazendo parte desses espaços, levando o seu conhecimento adquirido por meio de pesquisas e evidências científicas para a sociedade em geral. O fenômeno pandêmico da nova doença contagiosa, COVID-19, demonstra categoricamente essas relações nas redes sociais. No país, fontes científicas estão conquistando uma maior visibilidade a partir de seu conteúdo informativo com a credibilidade e a autoridade amparadas ao campo científico.

As novas tecnologias que são hoje as grandes responsáveis pela rápida expansão da rede de cientistas e divulgadores. Com esta acepção, a Comunicação Pública está inserida no âmbito das discussões que dizem respeito à gestão das questões públicas e pretende influir para a mudança de hábitos de segmentos de população, bem como na tomada de decisão política a respeito de assuntos da ciência que influenciam diretamente a vida do cidadão (BRANDÃO, 2009). Fazer comunicação pública da ciência consiste em compreender a comunicação no envolvimento de temas de interesse coletivo e público que dê o direito social do diálogo, da informação e da expressão (BRANDÃO, 2009).

Nas pesquisas em comunicação, já no século passado, dentre os anos 1940 e 1950, contatou-se a descoberta da importância do elemento intermediário no processo comunicacional, tendo como um dos grandes precursores nessas pesquisas Lazarsfeld (MATTELART; MATTELART, 1999). A teoria denominada “*two step flow*” revelou a importância dos líderes de opinião no convencimento das pessoas, ou seja, a relevância de se

compreender que quem comunica importa, no que diz respeito a engajar o outro. Na perspectiva das redes sociais, evidencia-se o surgimento de indivíduos, que por meio da visibilidade das redes online e sua facilidade em comunicar, passam a ser consideradas famosas e influentes: são os *digital influencers*, líderes de opinião nesse novo contexto.

As circunstâncias atuais criam novas configurações para o campo jornalístico, para o jornalista atuar, não significando menos protagonismo em gerir informações, pelo contrário, cria-se ainda mais trabalho diante de novos espaços a serem levados em consideração na criação de pautas, na disputa por atenção das pessoas e na observação por novas fontes.

Diante disso e levando em consideração o momento pandêmico, quais são os sentidos que atores científicos e jornalísticos que estão utilizando das novas mídias para se comunicarem desempenham em relação ao Sistema Único de Saúde?

## 2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é a qualitativa. “Na pesquisa qualitativa [...], o objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (DESLAURIERS, 1991, p. 58) a fim de que possibilite um caráter exploratório que estimule reflexões e se expresse livremente sobre o assunto em questão, baseado em descrições, interpretações, análises das narrativas e conjunturas.

A pesquisa qualitativa empregada aqui é a Triangulação de Métodos que fornece ao pesquisador o estudo de realidades sociais concretas que permitem o cruzamento de informações de modo a, inclusive, contar as controvérsias naturais ao saber das relações sociais, demonstrando a sua intrínseca complexidade e seus significados rotineiros e problemáticos da vida em sociedade (FIGARO, 2014). A busca desse estudo é por um maior esclarecimento sobre a participação de fontes científicas, as quais decidiram participar nas redes sociais com o intuito de informar, na construção informativa sobre o SUS. Denzin e Lincoln explicam que uma das vantagens da triangulação consiste na “exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas” e não em algo linear e sequencial, assim, os leitores são convidados a apreender e explorar visões de contexto concorrentes e confrontar novas realidades (2006, p. 20).

A dimensão da triangulação aqui aplicada diz respeito ao momento da análise das informações coletadas, sendo que a técnica empregada condiz com três momentos distintos,

mas que se articulam dialogicamente no esforço de angariar uma unidade entre aspectos teóricos, empíricos e contextuais, sendo essa articulação incumbida de efetivar a cientificidade ao estudo (MARCONDES; BRISOLA, 2014). Primeiro, é preciso preparar os dados empíricos que foram coletados, de modo que ocorra a organização e o tratamento das narrativas; em seguida, é preciso refletir e analisar, de modo mais macro, sobre os contextos que permeiam esses atores sociais; por fim, ocorre a análise a partir da percepção dos sujeitos sobre a realidade retratada e sobre os processos que atravessam as relações estabelecidas no interior da estrutura, sendo imprescindíveis o diálogo com autores (teorias) que se dedicam a compreender esses processos e estruturas (MARCONDES; BRISOLA, 2014).

A triangulação de métodos, portanto, ocorre seguindo uma trajetória que dê sentido a interpretação dos dados simbólicos (narrativas dos entrevistados, análise dos contextos e teorias) que invariavelmente irão dialogar.

A ferramenta das entrevistas foi o recurso adotado para que houvesse a proximidade necessária e qualitativa entre a pesquisa e o objeto pesquisado. Há preconceitos com o uso do instrumento da entrevista em pesquisas científicas, mas a entrevista continua sendo um dos recursos mais utilizados nas pesquisas em Comunicação como uma oportunidade de recurso investigativo nas Ciências Sociais (FIGARO, 2014).

As entrevistas abertas semiestruturadas consistem em um diálogo entre o pesquisador/entrevistador e o entrevistado, as quais foram previamente construídas por um roteiro-guia que objetiva responder as indagações da pesquisa. Nesse sentido, a posição do entrevistador se equipara a de um pesquisador aprendiz interessado (TARALLO, 1985), sem, no entanto, desconsiderar que o entrevistado também possui objetivos, por isso, suas falas não são neutras ou desligadas de outros discursos e de seu contexto.

Esta pesquisa contempla três grandes fases: caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, pois se considerou o levantamento de literatura pertinente ao assunto; efetiva-se como descritiva, porque o interesse centrou-se na observação, contextualização e registro; enquadra-se no levantamento empírico, a partir do levantamento de atores sociais que estão informando para um público em geral – representados aqui por cientistas e jornalistas -, na efetivação de perguntas através de entrevistas e compilação e análise dos dados recolhidos.

Tratando mais especificamente dos passos da fase empírica - Etapa 1: foi realizada uma primeira análise exploratória a partir da rede social Twitter, uma vez que uma campanha

interacional entre cientistas foi veiculada por lá a partir do mecanismo de *hashtag*, assim, com objetivo de extrair algumas informações básicas, uma busca na [#cientistatrabalhando](#) na plataforma Twitter correspondeu ao intuito da ideia inicial da pesquisa: encontrar cientistas engajados nas novas mídias sociais com o intuito de informar e, em consequência, auxiliar o *corpus* da pesquisa.

A escolha da amostra e organização do *corpus*: no dia oito de julho de 2020, o Dia Nacional da Ciência em memória à fundação da Sociedade Brasileira para o Progresso em Ciência (SBPC) em 1948, uma campanha no Twitter promovida pelo Instituto Serrapilheira, a qual objetiva fomentar a ciência e divulgá-la no Brasil, juntamente à Agência Bori, criada para proporcionar maior interlocução entre os cientistas brasileiros e a imprensa, incentivou cientistas brasileiros a utilizarem a *tag* “#cientistatrabalhando” a partir dessa data e em todo o mês de julho para divulgar seus trabalhos em meio à pandemia do novo coronavírus. A pesquisa foi feita a partir de uma netnografia, uma pesquisa exploratória e de observação, com a utilização da ferramenta de “busca avançada” disponibilizada pelo próprio Twitter em que pode ser colocado o período da busca, o qual foi oito de julho de 2020 a 31 de julho de 2020, período em que a campanha de divulgação científica no Twitter e nos jornais foi efetivada.

Em suma, o primeiro passo foi: identificação do cientista na #cientistatrabalhando; segundo passo: se o perfil é verificado no Twitter, como forma de verificação se o perfil é de fato oficial; terceiro passo: verificação do perfil no Twitter com o intuito de percepção da utilização da rede social como espaço para informar sobre ciência e saúde nesse momento de pandemia; quarto passo: busca no *Google* do nome do cientista em busca de mais conhecimento prévio sobre esses atores.

Etapa 2: Foi feita a identificação e categorização das fontes de informação científicas. Todos os cientistas que aparecem na *tag* e aqui foram selecionados utilizam de suas redes sociais para informar sobre ciência e saúde. Abaixo, um quadro com o nome de cada entrevistado e profissão.

**Quadro 1** - Seis cientistas entrevistados e suas especializações de área

<b>Cientista</b>	<b>Profissão</b>
Carlos Hotta	Bioquímico
Daniel D. Dourado	Médico sanitário e advogado
Mellanie Fontes-Dutra	Neurocientista
Natália Pasternak	Microbiologista
Stevens Rehen	Biólogo

Thomas Conti	Economista e cientista de dados
--------------	---------------------------------

Fonte: elaborado pelos autores

Etapa 3: sobre os jornalistas, foi considerada importante uma busca por jornalistas que informam diariamente sobre ciência e saúde, tendo sido escolhidos de forma qualitativa para a pesquisa para que se tivesse um enriquecimento da análise do contexto jornalístico brasileiro científico e em relação ao papel das fontes de notícias. Foi pensado ser pertinente entrevistar profissionais que representassem jornais que estivessem no meio digital, mas fossem tradicionais oriundos do impresso como referências nacionais, sendo sua relevância contínua na virtualidade. Além disso, também foram inseridos representantes de *sites* jornalísticos que ascenderam a partir da consolidação do jornalismo digital. Além das fontes em ciência, os jornalistas também são parte importante da pesquisa, já que atuam na disseminação de informações e divulgação da produção científica brasileira para os veículos jornalísticos. Abaixo, a categorização realizada dos sete jornalistas entrevistados.

**Quadro 2** - jornalistas brasileiros especializados em ciência

Jornalista	Organização
Ana Lucia Azevedo	Jornal <i>O Globo</i>
Carlos Orsi	Revista <i>Questão de Ciência</i>
Claudia Collucci	Jornal <i>Folha de São Paulo</i>
Fabiana Cambricoli	Jornal <i>Estado de São Paulo</i>
Luiza Caires	<i>Jornal da USP</i>
Maurício Tuffani	<i>Site Direto da Ciência</i>
Sabine Righetti	Agência Bori, colunista da <i>Folha de SP</i>

Fonte: elaborado pelos autores

Etapa 4: Foram realizadas, portanto, treze entrevistas. As entrevistas seguiram a denominação de semiestruturadas, isto é, perguntas previamente pensadas e controladas pela teoria e pressuposições teóricas do pesquisador, e direcionadas de acordo com as hipóteses e problemáticas do estudo (FLICK, 2004). Esse tipo de abordagem auxilia no propósito de tornar explícito o conhecimento do entrevistado em forma de respostas, a partir de perguntas abertas que fazem com que o entrevistado expresse espontaneamente uma reconstrução de suas teorias subjetivas sobre os temas explorados nas perguntas (FLICK, 2004).

Vale elucidar, uma vez que ainda se vive um momento pandêmico durante a escrita deste texto, que o momento das entrevistas se deu entre novembro de 2020 e janeiro de 2021. No geral, o estado de espírito dos entrevistados inspirava confiança, uma vez justificada por serem especialistas das áreas em que atuam. As conversas foram por intermédio tecnológico, via vídeo conferência na plataforma *Zoom*, por isso, a ambientação se deu em lugares distintos

(o entrevistado em um local e a entrevistadora em outro), embora não seja o ideal para uma entrevista em profundidade proporcionou uma atmosfera de relaxamento entre os indivíduos, já que todos estavam em seus ambientes próprios e de costume.

É importante frisar que a análise lida com três aspectos fundamentais: a polifonia, o dialogismo (BAKHTIN, 2016) e a memória (HALBAWCHS, 2006). A polifonia é percebida uma vez que por serem representantes de determinada área, a científica, os atores algumas vezes se expressam no plural ou da forma que se percebe que não estão falando apenas de si mesmos, mas sim da profissão a qual fazem parte, além das disputas de sentidos percebidas por determinadas diferenciações de pontos de vistas. O dialogismo também se faz presente por meio do processo interpretativo de análise das falas que acontece de forma dialógica com o intuito de enriquecer a análise das respostas entre si reduzindo as individualidades das mesmas, buscando uma ressonância maior, já que todos responderam a mesma pergunta.

A memória, por isso, é fator importante. Embora o tema informacional se contextualize no momento pandêmico que ainda está acontecendo, o caráter da memória é ativado constantemente para se responder às perguntas. As memórias desse momento, embora possuam limitações de seletividades naturais e individuais dos atores diante do que responder em uma entrevista, constituem ingrediente importante na compreensão do tecido social e na construção de uma memória coletiva (HALBAWCHS, 2006), a partir de sua integralização.

Assim, centraliza-se a ideia de perceber a categoria espaço-tempo como primordial nesse estudo de percepção humana e que está sempre sujeita a mudanças históricas. O momento pandêmico e tecnológico atual possui a capacidade de transformação do espaço-tempo, modificando drasticamente o ambiente de trabalho de muitas pessoas, as horas dedicadas ao trabalho, além de gerar uma dependência ainda maior do computador e do celular. Um mundo caracterizado pela aceleração e pela multitarefa de um tempo midiático (BARBOSA, 2017). Assim, o que prevalecerá na memória coletiva nesse momento de pandemia em relação ao papel das instituições da saúde, como o SUS, em um contexto de mídias sociais?

### **3 OS CIENTISTAS**

Existem atravessamentos de tempos e de espaços no meio digital, fazendo com que, de modo praticamente instantâneo e ininterrupto, os indivíduos possam estar em diferentes plataformas digitais interagindo, em fluxo, embora em espaços distintos. Assim, para se

compreender o momento comunicacional e jornalístico, é preciso, portanto, discutir a amplitude das transformações midiáticas que o permeiam. A experimentação pelo homem dos processos de mediação e midiatização é fundamental no entendimento do contexto temporal e espacial.

O tempo cronológico é o tempo do senso comum e da ciência. Por ser um tempo que pode ser dividido em partes e mensurado em medidas temporais — séculos, anos, dias, horas, minutos, segundos — é o tempo dos cronômetros, dos relógios e dos calendários. O tempo cronológico tem por característica fundamental a divisibilidade, ele pode ser dividido em partes, estas partes em partes menores e, assim, indefinidamente. Esse tempo pode ser cíclico ou linear, mas de qualquer modo, submetido a uma escala de medidas (ROSSETTI, 2017, p. 86).

Assim, o tempo cronológico é um tempo quantitativo, diferentemente do tempo midiático, no qual o jornalismo está inserido e que trabalha pela lógica do ininterrupto, embora precise lidar com o tempo do senso comum e da ciência. Há uma tarefa de atravessamento temporal em que o imediatismo não somente é problemático e interfere na qualidade da informação, como se tornou a regra. Com a pandemia, esse problema se agrava, pois a ciência, diante de uma urgência sanitária, é inserida nessa armadilha do tempo, sendo cobrada por respostas, pautada pela mídia e pelo senso comum. Assim, o que se vê são desencontros, desinformação e o fluxo ininterrupto e instantâneo do tempo midiático e, conseqüentemente, jornalístico que precisa dar uma resposta a essa nova realidade, que prevalece. O tempo do fluxo das narrativas, notadamente nos espaços digitais, não permite a pausa necessária para a reflexão.

Falar sobre o SUS nessas diversas realidades virtuais é um desafio, uma vez que o SUS por si só se trata de uma estrutura complexa e que depende de aparato político e econômico do país para funcionar. Assim, os cientistas entrevistados responderam de forma também complexa e abrangente sobre o tema. Três pontos foram ressaltados pelos entrevistados: a importância do Sistema Único de Saúde, a falta de entendimento de modo geral sobre o papel das instituições de saúde no país e a ausência de uma governança central durante a pandemia no Brasil, o que acarreta dificuldades a mais na implementação de políticas públicas efetivas e na comunicação entre as instituições e com a população, no que diz respeito ao enfrentamento da pandemia.

A chancela de autoridade do campo científico, médico, político e econômico se relacionam e se confrontam na estrutura social, a partir de ideias e interesses distintos e muitas vezes conflitantes, fazendo com que seja imprescindível que a sociedade em geral compreenda mais sobre as estruturas de saúde pública do país e o papel da ciência para que, de fato, apareça com uma força, a força popular, nessa equação complexa e decisiva para o convívio social e

cidadão, sendo a comunicação e o jornalismo fatores importantes na disseminação de informações e questionamentos que auxiliem a população..

O SUS, por certo, possui limitações que dizem respeito, por exemplo, a questões de pessoal profissionalizante, de infraestrutura de hospitais, além de verba insuficiente, o que foi lembrado também nas entrevistas enfatizando, de novo, a falta de interlocução entre ciência, profissionais da saúde e governo. Efetivar saúde para a população é um ato político, sanitário, social e, por isso, precisa ser discutido em diversas esferas sociais:

“Uma das nossas preocupações foi expor, infelizmente, o que tem de ruim no SUS, as práticas alternativas e quem coloca essas práticas alternativas lá: é o Ministério da Saúde e o Conselho Federal de Medicina que deixa isso acontecer. Saúde é uma política pública, não tem como não ser política, tem que ser baseada em ciência, mas é uma política. Então vai ter envolvimento com política, com economia, com sociedade. Não existe essa separação. Tem que ser baseada em evidências científicas, mas não somente” (informação verbal)<sup>3</sup>.

“Ainda se tem uma dificuldade de se entender o que é o SUS. A população tem uma percepção muito pequena do que é o SUS. Hoje o grande problema é de financiamento. E em geral, os médicos não tem noção o que é o SUS e o SUS é um patrimônio valiosíssimo da sociedade. Acho que é um cabo de guerra com economia e falta de compreensão social. Por exemplo, sobre vacina, muita gente falando ‘o governo não faz nada, a gente tem que comprar mesmo’, uma percepção limitada. O governo não faz nada não é opção. Os governos estaduais e municipais, o Ministério Público tem que agir, tem obrigação também. O SUS não é uma opção do governante” (informação verbal)<sup>4</sup>.

Falar sobre o SUS significou também falar de outras instituições que de alguma forma foram mais visibilizadas durante esse período pandêmico. O Ministério da Saúde, o Instituto Butantan e a Fiocruz foram instituições citadas como decisórias e importantes na saúde pública do país, além de, por exemplo, a questão da vacina e o papel da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) nesse aspecto, o que demonstra o entendimento de que o SUS precisa ser encarado para além do seu papel em hospitalizações. Os entrevistados ressaltaram os problemas na comunicação pública do Ministério da Saúde e o Conselho Federal de Medicina (CFM), muitas vezes em desacordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), além das tomadas

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por TASCHNER, Natalia Pasternak. Entrevista III. [dez. 2020]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2020. 1 arquivo .mp4 (38 min.).

<sup>4</sup> Entrevista concedida por DOURADO, Daniel de Araújo. Entrevista XI. [fev. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (72 min.).

de decisões conflitantes via governos estaduais e governo federal que dificultam o embate à doença.

“Cada vez mais a gente tem que fazer divulgação científica sobre as potencialidades do SUS e como o SUS está presente nas nossas vidas. Muita gente fala ‘eu não uso o SUS, não preciso do SUS’, mas na verdade usa o SUS para quase tudo, coisas que as pessoas têm nem ideia que o SUS está presente. E o que o Butantan faz? Todo mundo falando do Butantan por causa da vacina da CoronaVac, mas por que esse Instituto existe? O que a Anvisa faz? Por que ela é tão importante, essa fiscalização, para essa aprovação, por que tem que passar por ela? Então acho importante as pessoas conhecerem o que impacta na vida delas para elas defenderem. São instituições constantemente atacadas, seja por movimento anti-ciência, seja por privatizações como é o caso do SUS e as pessoas as vezes não entendem que é um direito de todos. Por isso que acho super válido fazer divulgação voltada para nossas instituições” (informação verbal)<sup>5</sup>.

Em relação aos órgãos vinculados responsáveis indiretamente junto ao SUS nos aparatos que visam constituir uma população mais saudável, Paim (2009) destaca autarquias como a ANVISA e a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS); fundações como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Fundação Nacional de Saúde (Funasa); empresa pública identificada como Empresa Brasileira de Hemoderivados e Biotecnologia (Hemobrás); sociedade de economia mista através do Grupo Hospitalar Conceição, além dos institutos: Instituto Nacional do Câncer (Inca) e Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Into) que também fazem parte desse conglomerado.

Muito além do tratamento hospitalar e ambulatorial diário do Sistema Único de Saúde, de acordo com as funções de cada um desses órgãos, o SUS corrobora, portanto, com uma atenção geral à saúde da população através de secretarias que fazem vigilância em saúde, educação em saúde, aperfeiçoamentos a partir de ciência e tecnologia, utilização de insumos estratégicos, além de fiscalização de produtos de saúde, assistência à população através de vacinas medicamentos e reagentes (PAIM, 2009). O SUS está presente no dia a dia dos cidadãos independentemente de questões hospitalares, está presente na ida ao supermercado ao comprar um produto aprovado pela ANVISA e nas informações diárias em saúde encontradas por pesquisa feitas pela Fiocruz.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida por FONTES-DUTRA, Mellanie. Entrevista II. [nov. 2020]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2020. 1 arquivo .mp4 (41 min.).

O SUS possui um aparato formado por várias ligações e conexões em rede que buscam relacionar todo o território nacional. Para o funcionamento do SUS ocorrer, diversos são os órgãos que devem agir em todo o país, cada qual com sua função, seja ela parte do sistema de forma direta ou indireta. Paim (2009), porém, enfatiza que o Ministério da Saúde se encontra como o gestor nacional do sistema tendo órgãos subordinados e vinculados a ele. Os órgãos subordinados são aqueles que atuam de forma direta na administração do SUS, como Gabinete do Ministro, Secretaria Executiva e Consultoria Jurídica e Departamento Nacional de Auditoria do SUS. Nas entrevistas, ficou evidente a insatisfação dos cientistas no aparato político e comunicacional do governo, principalmente no que diz respeito ao papel do Ministério da Saúde.

“Na época do H1N1 a gente teve as primeiras experiências do Ministério da Saúde respondendo nas redes sociais e a gente elogiou muito essa novidade. Atualmente, mesmo tendo mais ferramentas de comunicação eles não estão conseguindo ser efetivos. Alguns anos depois a gente vê um Ministério da Saúde um tanto equivocado. No H1N1 o Ministério da Saúde errou muito pouco” (informação verbal)<sup>6</sup>.

“Hoje, quem são os grandes porta-vozes que estão esclarecendo a população nas redes? Deveria ser o Ministério da Saúde, o governo, mas quem são? É a Natália, é o Átila. Eu vi essa importância, eu vi várias pessoas alertando a importância de ter um sistema como o SUS, como a situação poderia ser muito pior sem” (informação verbal)<sup>7</sup>.

Discursos e ações governamentais foram na direção de negações, apagamentos, busca por curas milagrosas imediatas, evidenciando que não basta avanço tecnológico e científico se não há uma comunicação entre esses elementos e o poder político vigente tendo sua parcela de importância nessa conjuntura. Uma situação de pandemia demanda mais precisão e agilidade na disponibilização dos dados e o momento demonstrou o problema de transparência de ordem política e falta de governança no país. Os estados se saíram melhor nisso, porém, em um modelo federativo como é o Brasil, era preciso que o governo federal, por meio do Ministério da Saúde, assumisse a liderança oferecendo os parâmetros básicos, orientando a máxima transparência e os cuidados para proteger dados pessoais (CAMPAGNUCCI, 2020, p. 52). Entrevistados

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por HOTTA, Carlos Takeshi. Entrevista V. [dez. 2020]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (47 min.).

<sup>7</sup> Entrevista concedida por REHEN, Steven Kastrup. Entrevista X. [jan. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (34 min.).

lembraram sobre a experiência na época da epidemia do vírus H1N1 e do Zika Vírus e como já há infraestrutura e experiência baseadas no passado para lidar com emergências sanitárias no país.

“[...] a infraestrutura do SUS seria uma infraestrutura excelente para gente adotar a melhor política possível de combate à covid que seria a questão de teste e rastreio de contatos. O Brasil já tinha uma infraestrutura grande do SUS, já tinha experiência não de teste rastreio em específico, mas já tinha experiência de identificar focos de dengue, alguma doença infecciosa que está crescendo, o SUS tem sistema informacional pra fazer registro disso, tentar buscar. Tanto que quando apareceu o zika vírus e teve aquele problema dos bebês nascendo com microcefalia, o SUS pelo sistema foi detectado relativamente rápido. Então o Brasil tinha a estrutura para ser usada em uma estratégia ótima de teste e rastreio, mas nós não fizemos isso. Não houve estratégia, ele acabou servindo só como hospital, posto de atendimento, que é um uso muito ineficiente do SUS. Comparado com a capacidade dele de prevenir que as pessoas pegassem o vírus, usar a parte de hospital e de posto de saúde, que é o que na verdade o SUS sempre teve oferta menor do que o Brasil efetivamente precisa. Muitas filas de atendimento e tudo, não é o melhor uso político do SUS, mas o Brasil optou por isso politicamente, paciência” (informação verbal)<sup>8</sup>.

A articulação de diferentes especialidades e de diferentes perspectivas sérias e comprometidas com o combate à pandemia, permitindo, desta forma, que a ciência e a sociedade sejam coproduzidas, com cada uma confirmando a existência da outra, não foi feita de forma a criar um elo forte comunicativo. O conhecimento científico e o conhecimento que precisa chegar para a população estão intrinsecamente ligados à capacidade social e política de governança, que influenciam de volta a ciência, as pessoas em geral, as mídias e, naturalmente, podem gerar dissonâncias graves no combate à pandemia se não bem articulados.

Em grande medida, a politização geral da pandemia, do vírus, das vacinas acentuou drasticamente os problemas no enfrentamento da crise sanitária, gerando outros tipos de crises evidenciadas, por exemplo, na queda de vários ministros da saúde e na iniciativa de convocação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da COVID-19 para que se analisasse esse momento político e essa falta de coordenação e alinhamento científico e prático com o SUS e seus agentes.

O SUS é uma conquista sócio-política e sanitária que depende economicamente de recursos governamentais e precisa ser compreendido como uma instituição de valor cultural,

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida por CONTI, Thomas Victor. Entrevista I. [nov. 2020]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2020. 1 arquivo .mp4 (47 min.).

isto é, precisa fazer parte consciente da vida dos cidadãos de forma que haja mobilização social em torno de seu aprimoramento e funcionamento e de defesa do SUS. Desse modo, em um contexto sem crise sanitária, o SUS já é um sistema difícil de pautar, pois são muitas frentes a se compreender. O momento atual suscita um entendimento do SUS como tema crucial no combate à pandemia, mas com muitos desafios e atravessamento de campos com interesses dissonantes e ininterruptos.

O contexto político no país foi elemento preponderante nesse contexto de pandemia. Nas respostas é notório como o conturbado posicionamento do governo federal influencia também em desconfianças até mesmo em instituições como o Ministério da Saúde. Natalia Pasternak, por exemplo, que durante a pandemia se tornou uma das vozes mais proeminentes do país no combate à COVID-19 e ao negacionismo científico, enfatizou que é preciso falar dos problemas do SUS culpabilizando quem precisa ser culpabilizado, sinalizando os problemas políticos nessa questão.

Todos os entrevistados são acadêmicos, cientistas, mas com especificidades diferentes. Em algumas das falas, percebeu-se o cuidado em salientar que não são dá área de Saúde Pública, por exemplo. É uma questão que, por um lado, é positiva, pois demonstra o reconhecimento dos limites de seus conhecimentos específicos. É evidente que cada cientista tem sua especialidade de área e divulga ciência no que lhe toca. Por outro lado, é perceptível que houve um movimento grande de cientistas estudando a mais, trabalhando a mais e divulgando conhecimento e informação sobre a COVID-19 sem ser especialista em virologia ou epidemiologia, por exemplo, diferentemente do que se vê, ainda, sobre divulgar mais sobre o Sistema Único de Saúde.

Nessa nova realidade, os cientistas podem transformar e reconfigurar sua posição espaço-tempo enquanto propagadores de informação científica: entre seus pares, para jornalistas e para a população em geral. Com as mudanças tecnológicas e comunicacionais ao longo do tempo, eles podem partir de apenas fontes para jornalistas e se tornarem emissores por si só em diferentes espaços; não apenas em jornais e em seus locais de trabalho, mas em novos espaços comunicacionais, como são as redes sociais, tornando-se até influenciadores digitais.

Dessa forma, cientistas que atuam também comunicando e informando, precisam lidar com a diferença entre o tempo midiático e o tempo da ciência, completamente distintos, nessa nova realidade da mídia enquanto um metacapital para o campo científico. Ao participarem,

entranham-se em um espaço de mídia como são as redes sociais, na sua lógica de dinamicidade e de instantaneidade que sobrepassa o tempo da ciência - que é o da pausa, da cautela, da segurança da espera de um raciocínio complexo. Uma comunicação científica muito tradicional pode ser problemática, já que pode dificultar o entendimento dos indivíduos em geral, no entanto, afastar-se demais pode fazer com que se recaia numa lógica neoliberal e consumista, sem espaço para a complexidade do tema, tratando-o de modo raso nessa lógica de limites de caracteres.

O SUS é um tema que é sabido que a população entende pouco, além disso, o SUS sofre ataques e ameaças de privatização constantemente, no entanto, não é percebido como algo urgente e que precise fazer parte da divulgação de modo mais amplo. As respostas evidenciaram uma assimetria na relação desses cientistas sobre falar sobre o SUS, mesmo em um momento de pandemia. A justificativa, muitas vezes, em não discorrer sobre o sistema é não ser especialista na área. É preciso pensar nesse momento pandêmico e suas consequências sociais traumáticas como um elemento a mais que insere o SUS como fortalecedor do direito à saúde de todos os cidadãos, para que o futuro seja construído contra o seu desmonte e com mais vozes em sua defesa. Não é dever somente dos especialistas em Saúde Pública, é dever e direito de todos os brasileiros entender mais sobre o SUS para que se possa construir um sistema melhor no país.

#### **4 OS JORNALISTAS**

A prática jornalística, em meio às transformações midiáticas e tecnológicas, está sofrendo alterações em sua observação do que pautar como notícia, na busca por fontes de notícias e na constante adaptação à essa realidade imediatista. Há jornalistas nas redes sociais que, além de noticiarem nos jornais, trazem tais informações para esses espaços por meio de seus próprios perfis com o intuito de engajar mais o público. Christofolletti (2019) argumenta que há problemas tanto endógenos quanto exógenos a serem enfrentados: primeiramente, a incapacidade dos jornais/jornalistas de atenderem às expectativas do público, a incapacidade de se mostrarem confiáveis ao público e, em segundo, o nível de concorrência inédito e a dificuldade de acompanharem as mudanças.

No que se refere à prática jornalística, a evolução da internet e as possibilidades de interação por meio dela trouxeram, sobretudo, um aceleração na produção e na divulgação das notícias. Se por um lado rádios, emissoras de televisão e jornais impressos tiveram suas rotinas modificadas e

seus processos agilizados em virtude do emprego da tecnologia, por outro, viram-se, principalmente na última década, concorrendo cada vez mais com a instantaneidade do jornalismo, apresentado nos portais de notícias, e com a divulgação de informações de forma praticamente simultânea realizada via redes sociais. Não é exagero, portanto, dizer que o tempo do jornalismo já é outro — e que diferentes também passam a ser seus mecanismos de produção e suas estratégias de reconhecimento junto ao público (FINGER; SCIREA, 2017, p. 37).

Em suas respostas nas entrevistas, os jornalistas evidenciaram bastante conhecimento sobre o SUS, no entanto, contradições significativas aparecem na relação dicotômica entre se compreender, como cidadão, a importância do SUS e se noticiar, como jornalista, sobre o SUS. Ou seja, entendem a importância do sistema para o país, ao mesmo tempo que algumas respostas demonstram as prioridades do que se entende como noticiável. Entende-se como papel principal do jornalismo pautar sobre o que precisa ser melhorado e o que o público quer saber, que são coisas mais práticas, como se tem médico ou fila nos hospitais.

“O público gosta mesmo de informação concreta. Se eu fizer um texto falando dos princípios do SUS, o público não gosta. O público quer saber se o SUS comprou ambulância suficiente, se tem médico. Então falar sobre política pública não tem muito apelo. É difícil para o jornalismo, mas são debates que têm que ser feito, por mais que não conquiste um público enorme” (informação verbal)<sup>9</sup>.

“Não sei se dá para dizer que é deliberado, o falar mal, porque o jornalismo tem esse negócio, se a coisa está funcionando bem não é notícia. É um vício. Esse negócio que as coisas só são notícia quando algo dá errado é meio genérico e é como o jornalismo funciona. Mas eu acho que talvez o interesse maior no acompanhamento nos processos do SUS pode estar nascendo nessa pandemia, mas acho meio prematuro afirmar sim ou não” (informação verbal)<sup>10</sup>.

“O jornalismo é princípio falar do dono que mordeu o cachorro, do que não é esperado. Então, a gente nunca fala sobre o hospital público que funciona, a gente fala do que não funciona. Gera uma percepção ruim do SUS através do jornalismo, porque o jornalismo trata do que está errado. Mas o SUS foi responsável por uma cobertura vacinal que é exemplo para o mundo todo. Era exemplo. Campanhas e vacinação que funcionavam. Sistema de transplante, programa de HIV são exemplos no mundo todo. Tem coisas que funcionam muito bem. Agora na pandemia ficou evidente a necessidade do SUS e a necessidade de melhorar o SUS. O SUS não é perfeito, ele é necessário. A gente precisa de vacinação para todos: isso é o SUS. A gente precisa de

<sup>9</sup> Entrevista concedida por CAIRES, Luiza Helena Gonçalves. Entrevista VII. [jan. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (53 min.).

<sup>10</sup> Entrevista concedida por ORSI, Carlos. Entrevista VI. [dez. 2020]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2020. 1 arquivo .mp4 (84 min.).

hospital público para todos: isso é o SUS. Acho que esse contexto coloca todos nós como sociedade, em um movimento pró-SUS, pró fortalecimento de luta pelo SUS” (informação verbal)<sup>11</sup>.

A pandemia, portanto, pode ter contribuído para aumentar o sentimento da importância do SUS entre eles, ocasionando uma sensação de defesa do SUS. No entanto, equilibrar interesse público e interesse do público parece ser a chave da questão. Outro quesito mencionado por eles é, assim como foi para os cientistas, a questão política como um complicador na gestão do SUS e também o caráter sociocultural do entendimento sobre o SUS entre os brasileiros, que se mostra ainda risível.

“A imprensa, de uma forma geral, teve um olhar para as deficiências: por que estava acontecendo? Porque não tinha respirador. Não está ficando só naquela coisa que sempre me irritou muito, a gente retratar o pronto-socorro lotado e descer a lenha naquele serviço. Se você não olha o todo, porque está naquela situação – falta de grana, problema de gestão... não adianta olhar um caso isolado. Tem toda uma estrutura atrás que não está funcionando e a gente precisa nomear isso. Tem toda uma cadeia de problemas que agora durante a pandemia a mídia de uma forma geral começou a enxergar isso com mais profundidade. A gente termina esse ano com uma avaliação positiva do sistema, ninguém tem dúvida se não existisse o SUS teria sido muito pior” (informação verbal)<sup>12</sup>.

“Essa situação da pandemia mostrou que uma das salvasões que tivemos foi o SUS. Eu acho que precisa sim divulgar a importância dele, porque poderia ser ainda pior sem ele” (informação verbal)<sup>13</sup>.

“Eu sou uma defensora ardorosa do SUS, é impossível cobrir saúde sem ser defensor. Havia muitas críticas ao SUS e a crítica tem que ser a quem está gerindo o SUS. Claro que pode ser aperfeiçoado, mas hoje eu vejo muita cobertura falando só não foi pior porque tem o SUS, mesmo com todas as insuficiências, falta de recursos, na pandemia tem sido elogiado. O Brasil inteiro está cobrindo saúde. O SUS é patrimônio do país. Se tem algo que possa ter saído fortalecido é o SUS” (informação verbal)<sup>14</sup>.

De fato, o SUS vem se destacando na mídia nesse momento, desde fevereiro de 2020, quando o primeiro caso foi confirmado no país: “Coronavírus ainda não atingiu Brasil do

<sup>11</sup> Entrevista concedida por RIGHETTI, Sabine Boettger. Entrevista VIII. [jan. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (64 min.).

<sup>12</sup> Entrevista concedida por SOUZA, Fabiana Cambricoli de. Entrevista IX. [jan. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (51 min.).

<sup>13</sup> Entrevista concedida por MONTEIRO, Maurício Tuffani. Entrevista IV. [dez. 2020]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2020. 1 arquivo .mp4 (62 min.).

<sup>14</sup> Entrevista concedida por AZEVEDO, Ana Lucia Vieira de. Entrevista XIII. [fev. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (52 min.).

SUS”<sup>15</sup>; “Avanço do coronavírus expõe urgência de valorização do SUS”<sup>16</sup>; “Covid leva classes média e alta de SP a valorizar o SUS, diz pesquisa”<sup>17</sup> — são alguns exemplos. Entretanto, críticas ao negativismo da imprensa em relação ao SUS, de modo geral, já foi discutido por vezes em âmbito acadêmico, evidenciando muitas notícias alarmistas sobre o sistema sem a devida problematização sobre as causas de tais problemas (PAIM; ALMEIDA FILHO, 2014), o que demonstra que o momento da pandemia pode ser um diferencial que não perdurará.

“Se tivesse mais defesa, mais apoio popular, certamente a gente estaria melhor. Mas nessa pandemia o que a gente percebe que é fundamental a gente ter esse sistema único. Nos Estados Unidos a gente viu gente morrendo em casa com medo de ir para o hospital e depois não ter dinheiro para pagar a conta do hospital. É muito cruel você não ter uma retaguarda. Então, nesse momento, teve uma mobilização de setores importantes, inclusive setor privado, vários setores defendendo esse sistema e acordando para a necessidade de fortalecê-lo” (informação verbal)<sup>18</sup>.

“Em relação à pandemia, eu sinto que o SUS está um pouco amarrado por causa das questões políticas. A gente tem uma condição de fazer uma vacinação rápida, mas sinto que poderia ter usado os agentes de saúde pra fazer testagem e isso não foi priorizado no país. Não conseguimos mobilizar por questão do governo. E para população é difícil comunicar. População quer saber de vacina, de remédio. Porque é o caminho mais curto. A gente passou a pandemia falando que tinha que ter testagem em massa, rastreio de contatos e não adiantou nada, porque não tem aderência nem da população e muito menos no governo” (informação verbal)<sup>19</sup>.

Nesse sentido, a relação com o SUS e seu significado para as pessoas variam conforme o papel destas na sociedade — uma profissão na área da saúde, um cargo político ou um ofício sem correlação alguma com a saúde. Ademais, a indiferença e a falta de informação sobre o funcionamento do sistema, juntamente com convicções e interesses particulares, fazem parte do porquê de haver versões sobre o que é o SUS na sociedade. Paim (2009, p. 73) define quatro visões sobre o SUS entre as pessoas: o SUS para pobres, o SUS real, o SUS formal e o SUS democrático.

<sup>15</sup> *O Globo*, 06/03/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/analitico/coronavirus-ainda-nao-atingiu-brasil-do-sus-24290058>. Acesso em: 7 de set. de 2022.

<sup>16</sup> *Rede Brasil Atual*, 19/03/2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/03/avanco-do-coronavirus-expoe-urgencia-de-valorizacao-do-sus/>. Acesso em: 7 de set. de 2022.

<sup>17</sup> *Agência Brasil/EBC*, 05/05/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/covid-leva-classes-media-e-alta-de-sp-valorizar-o-sus-diz-pesquisa>. Acesso em: 7 de set. de 2022.

<sup>18</sup> Entrevista concedida por COLLUCCI, Cláudia. Entrevista XII. [fev. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (53 min).

<sup>19</sup> Entrevista concedida por CAIRES, Luiza Helena Gonçalves. Entrevista VII. [jan. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (53 min.).

Aqueles que entendem *o SUS para pobres* se concentram na ideia de que o Sistema Único de Saúde existe para quem não consegue se cuidar com o que há disponível no mercado, ou seja, o SUS serve para aqueles que têm poucas condições de vida e precisam utilizar o sistema. Essa visão ignora o que é previsto na Constituição que legitima a saúde como direito de todos: o SUS existe para fazer valer um direito do cidadão, saúde é questão de cidadania (PAIM, 2009). *O SUS real* é definido principalmente pelo discurso de gestores do sistema, que, apesar de reconhecerem o direito dos cidadãos à saúde, por muitas vezes toleram o que acontece particularmente nesse meio em que há disputas políticas e clientelismos, o que acaba favorecendo o mercado privado e, conseqüentemente, prejudicando o sistema (PAIM, 2009).

Paim (2009) continua argumentando que, diferentemente da ideia do SUS para pobres e do SUS real, as quais prevalecem na prática, *o SUS formal* está mais distante da realidade da população, uma vez que consiste na teoria sobre o SUS, no que tange ao SUS na Constituição Federal, por meio das leis e dos decretos. E, por fim, *o SUS democrático* está presente no início da história do SUS, é aquele que foi idealizado em seus primórdios pelo projeto do Movimento Sanitário, que visa “[...] assegurar o direito à saúde a todos os brasileiros, articulando a saúde a uma reforma social mais ampla, capaz de influir sobre a determinação da saúde e das doenças nas populações.” (PAIM, 2009, p. 74).

“Acho que o que falta para gente, como sociedade e imprensa, é conseguir separar as responsabilidades. Às vezes a imprensa nem sempre deixa claro, mas acho que agora, com a pandemia, isso ficou mais claro para a população. Quando a gente vê todo o esforço de organização, em muitos lugares quem salvou vidas foi o SUS, tantos profissionais de saúde comprometidos e ao mesmo tempo uma completa descoordenação do governo federal e de muitos prefeitos e governadores também. Ficou claro que essa responsabilidade pelo lado ‘negativo’ do SUS não é de quem está na ponta, é de quem deveria investir mais e organizar a rede. Eu acho que a cobertura da imprensa está um pouco nesse sentido” (informação verbal)<sup>20</sup>.

Conforme já dito, há diferentes percepções sobre o SUS, sendo que os meios midiáticos e jornalísticos, como já evidenciado em estudos sobre a temática (MACHADO, 2014), propagam narrativas sobre o sistema público de saúde, que, ao longo do tempo, deliberadamente ou não, podem ser entendidas como ataques recorrentes na mídia e pela mídia. Os jornais, como importantes atores sociais e políticos, fazem parte de um campo de tensões que apresenta, assim

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida por SOUZA, Fabiana Cambricoli de. Entrevista IX. [jan. 2021]. Entrevistadora: Thalita Mascarelo da Silva. Vitória, 2021. 1 arquivo .mp4 (51 min.).

como outros setores, uma multiplicidade de perspectivas sobre o que é e o que deveria ser o sistema, mobilizando, por vezes, debates inflamados (MACHADO, 2020, p. 156).

As respostas dos entrevistados, todos com alguma especialização em ciência e/ou saúde, demonstram que o problema, nesse contexto, não é de conhecimento individual, mas de contexto profissional e midiático. O modelo de negócio e, conseqüentemente, o modo de funcionamento do jornalismo em meio à necessidade da aceleração imprimida pelo tempo midiático, muitas vezes inibem informações mais aprofundadas sobre o sistema, prevalecendo matérias mais rotineiras e de serviço imediato. Percebe-se, no entanto, que a crise sanitária atual fez emergirem mais notícias e discursos de defesa do Sistema Único de Saúde, o que não significa que esse movimento permanecerá após a pandemia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cientistas podem ocupar diferentes espaços e podem ser compreendidos de diferentes formas: seja como fontes de notícias para os jornalistas, como divulgadores científicos entre seus pares ou influenciadores digitais para suas audiências *online*. Diante disso, há uma reconfiguração no espaço-tempo desses cientistas que escolhem ocupar tais espaços, participando da dinâmica temporal que existe em informar, o que pode ser um problema na medida em que a lógica de informar se difere da lógica do conhecimento científico em que noções de tempo e de atualidade podem comprometer uma comunicação pública da ciência de qualidade.

“Nesse ambiente em que não há mais divisão entre as horas do dia ou da noite, os meios de comunicação produzem e veiculam informações em profusão produzindo a saturação e também a banalização da informação. No *fast food* da difusão da vida via mídias digitais, não há mais tempo para pausa e para a reflexão. Instaure-se pelo modo narrativo um futuro inserido num presente que não cessa de se atualizar” (BARBOSA, 2017, p. 24).

Essas relações dos cientistas com as novas mídias podem exemplificar a ideia da mídia como metacapital (COULDRY, 2003) também no campo científico, o que precisa de uma análise empírica futura mais ampla quantitativamente e metodologicamente mais específica para isso, mas é fato que a criação de circuitos nessas plataformas está sendo desenvolvida por esses atores. Quanto aos jornalistas, observar as redes sociais se tornou parte do cotidiano de trabalho

desses profissionais, que não podem ignorar o que está acontecendo por lá, entretanto, o campo jornalístico desde sempre é capitaneado pelas transformações midiáticas e comunicacionais, uma vez que embora tenha suas especificidades e função social específicas, o que faz do jornalismo em si um campo social legítimo, ainda assim o é impelido pelo campo da mídia, fazendo parte do mesmo.

Em uma lógica interacional, as novas mídias sociais constituem novos espaços comunicacionais que tornam os processos informacionais mais complexos, amplos e multidimensionais. Esse novo cenário implica inúmeras novas questões e repta profissionais da ciência, jornalistas e pesquisadores. O atual cenário evidencia, grosso modo, duas diferentes maneiras de se praticar o ato informacional. A primeira é embasada na apuração e na investigação, enquanto a segunda se constitui, majoritariamente, de conhecimentos específicos adquiridos na prática e no domínio técnico de profissionais de área. São atuações informacionais que partem de procedimentos, experiências, narrativas, *ethos* e lugares distintos, disputando a atenção das pessoas em diferentes e diversos espaços. Espaços os quais não necessariamente são os melhores para informar a um grande público, entretanto, devido ao interesse das pessoas em ocuparem e interagirem nesses espaços virtuais, como as redes sociais, jornalistas e cientistas são impelidos a se adaptarem a essas plataformas e participarem de forma ativa, remodelando a ideia de emissor-receptor amplamente discutida do século passado.

Mediante o diálogo entre os dados empíricos analisados, a análise dos contextos/conjunturas realizada e os autores que tratam das temáticas abordadas, em um movimento dialético de análise que parte do conhecimento local, mas que permite que se chegue a uma aproximação com a realidade mais ampla (GOMES et al., 2010, p. 207), é possível concluir que os atores midiáticos entrevistados possuem conhecimento abrangente sobre o SUS, mas as conjunturas sociais, políticas e econômicas conflitantes e os contextos individuais e profissionais dos atores evidenciam e auxiliam na compreensão do porquê as narrativas dos entrevistados apontam para, ainda, um maior silenciamento e uma menor explicação sobre as questões mais profundas em relação ao Sistema Único de Saúde para a população. Ainda não há, culturalmente, uma ação consciente pró-SUS no país que faça com que o tema seja proativamente trazido e debatido de forma abrangente, nem mesmo por atores científicos, por profissionais da saúde, por jornalistas especializados no tema, nem mesmo em um momento de pandemia.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, M. C. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: MUSSI, C. F.; VARGAS, H.; NICOLAU, M. (Orgs.). **Comunicação, Mídia e Temporalidades**. Livro Compôs, 2017. Salvador: EDUFBA. p. 19-36.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1990.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da Ciência, por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRAGA, J. L. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JÚNIOR, J.; JACKS, N (Orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Livro Compôs 2012. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 31-52.

BRANDÃO, E. P. **Conceito de comunicação pública**. In: BRANDÃO, E. P. Comunicação pública: mercado, sociedade, e interesse público. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009. p.1-33.

CAMPAGNUCCI, F. Falta encarar a transparência como política de Estado. In: PAUL, D; BECKER, D. (Orgs.). **Ética jornalística e pandemia: entrevistas com especialistas**. Florianópolis: UFSC, 2020. p. 52-56.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

COULDRY, N. Media meta-capital: extending the range of Bourdieu's field theory. **Theory and society**, 32 (5-6), p. 653-677, 2003.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Penso, 2006, 432 p.

DESLAURIERS, J. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 127-153.

FIGARO, R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014.

FINGER, C.; SCIREA, B. Notícia em tempo real: as implicações da instantaneidade na credibilidade do telejornalismo. In: MUSSI, C. F.; VARGAS, H.; NICOLAU, M. (Orgs.). **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 137-154.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2004.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 185-221.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MACHADO, I. B. Percepções sobre o SUS: o que a mídia mostra e o revelado em pesquisa. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. (Orgs.). **Saúde e Jornalismo**: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2014. p. 235-250.

MACHADO, I. B. O Globo e a Produção de Memórias sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 149-170, 2020.

MARCONDES, N. A. V; BRISOLA, E. M. A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univale on-line**. v. 20, n. 35, 2014.

MATTELART, A; MATTELART, M. **Histórias das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

NASCIMENTO DA SILVA, C. N. A Revisão por Pares na Ciência: Limites e Possibilidades da Prática Científica à Luz da Teoria dos Campos de Bourdieu. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 24, p. 1-18, 2021.

PAIM, J. S. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: SciELO-Editora FIOCRUZ, 2009.

PAIM, J. S; ALMEIDA FILHO, N. **Saúde Coletiva: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Científica Ltda, 2014.

ROSSETTI, R. Supressão do tempo na sociedade midiaticizada. In: MUSSI, C. F.; VARGAS, H.; NICOLAU, M. (Orgs.). **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 79-96.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1985.